



## O modelo “ideal” de mulher ditado pela Igreja Católica em nossa sociedade e sua complexidade: a busca por outro tipo de religiosidade, Juiz de Fora 1922-1931

The “ideal” modelo of women dictated by the Catholic Church in our society and its complexity: the search for another type of religiosity, Juiz de Fora 1922-1931

Mônica Euzébio da Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** No presente artigo teremos por finalidade, fazer um breve estudo sobre a construção social do papel das mulheres em nossa sociedade, a partir da análise de dois tipos de fonte. A primeira será um jornal produzido pela Igreja Católica na cidade de Juiz de Fora, chamado O Lampadario, nesse periódico a partir de dois artigos retirados do mesmo iremos observar como essa instituição religiosa traçou o perfil “ideal” de mulher, e como ela lidou com a questão da separação de casais em nossa sociedade. Já a segunda fonte a ser estudada concerne em dois bilhetes endereçados a um curandeiro por duas mulheres, que queriam ter relacionamentos com outros homens. Desse modo, o objetivo do referido trabalho é fazer um paralelo de análise entre essas duas fontes.

**Palavras – chave:** Igreja Católica, Mulheres, Religiosidade.

**Abstract:** In this article we will have a brief study about the social construction of role of women in our society, from the analysis of two types of source. The first will be a newspaper produced by the Catholic Church in the city of Juiz de Fora, called The Lampadario, in this periodical from two articles taken from it we will observe how this religious institution drew the “ideal” profile of woman, and how she dealt with the question of separation of couples in our society. Already the second source to be studied concerns two tickets addressed to a healer by two women who wanted to have relationship with other men. Thus, the purpose of this work is to make a parallel analysis between these two sources.

**Keywords:** Catholic Church, Women, Religiosity.

### Introdução

Como já foi mencionado anteriormente, o presente artigo terá por finalidade fazer um breve estudo sobre o discurso da Igreja Católica perante o comportamento feminino em nossa sociedade, a partir de dois artigos retirados do jornal O

---

<sup>1</sup> Graduada em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, especialista em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto e doutoranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Contato: monicacostajf@hotmail.com.



Lampadario<sup>2</sup>. Ainda, teremos por escopo fazer um paralelo com outra fonte, na qual demonstraremos que o discurso da Igreja Católica não era seguido tão a risca como a mesma pretendia, pois na outra fonte que servirá de base para a feitura do referido trabalho, teremos dois bilhetes que foram endereçados a um feiticeiro da cidade de Juiz de Fora, no ano de 1922, no qual duas mulheres fizeram pedidos que são totalmente avessos as orientações da Igreja Católica. É importante ressaltar que o espaço para o referido estudo é a cidade de Juiz de Fora, e o período que vai de 1922 a 1931 é baseado nas datas das fontes que serão analisadas.

Assim, o presente artigo será elaborado em dois tópicos, o primeiro intitulado de: O discurso da Igreja Católica sobre a família: um debate sobre casamento, gênero e trabalho. Neste tópico faremos uma breve análise do discurso do poder eclesiástico sobre as temáticas que envolvem a família, uma vez que nos artigos retirados do jornal O Lampadario poderemos observar que a Igreja Católica terá uma postura muito rígida com relação à família, já que a mesma sempre a considerou como a célula mater da sociedade.

Já no segundo tópico intitulado de: Repensando a organização familiar: a busca por outra religiosidade, teremos por finalidade fazer um comparativo entre as fontes a serem analisadas para esse artigo, uma vez que na primeira que será o jornal, veremos uma postura para as famílias e principalmente para as mulheres a partir dos pressupostos da Igreja Católica, e na segunda veremos uma postura bem diferente do que essa instituição religiosa indicava. Logo, poderemos ver como o discurso do poder eclesiástico era absorvido em nossa sociedade, e também iremos observar a busca por outro tipo de religiosidade dessas mulheres, para que pudessem alcançar seus objetivos.

### **1. O discurso da Igreja Católica sobre a família: um debate sobre casamento, gênero e trabalho.**

A Igreja Católica sempre foi uma instituição muito preocupada com a manutenção das tradições e dos bons costumes, não é de hoje que a mesma é uma instituição normatizadora em nossa sociedade. Antes com o regime de Padroado<sup>3</sup>,

---

<sup>2</sup> O jornal O Lampadario foi criado em março de 1926, por ideia de Dom Justino José de Sant'ana, bispo da diocese de Juiz de Fora e circulou na cidade até o ano de 1969.

<sup>3</sup> O sistema de Padroado perdurou no Brasil, no regime monárquico, consistia em uma aliança entre o poder temporal e o poder espiritual. O referido sistema teve seu fim com o advento do regime



que consistia em uma aliança explícita entre poder temporal e poder espiritual, a função de instituição reguladora das relações sociais era algo normal. Com o advento do regime republicano em 1889, por mais que tivéssemos a instituição de um regime dito laico, ou seja, sem a interferência da religião perante assuntos de cunho estatal, ainda sim teremos a intervenção da Igreja Católica em nossa sociedade. Primeiramente, a referida instituição religiosa desde os primórdios é a religião oficial do Brasil e, desse modo por mais que tenhamos a separação da mesma com o Estado, à maioria da população continuou a professar a religião Católica, em segundo lugar por mais que o sistema de Padroado tenha chegado a seu fim, a relação de cooperação mútua entre poder temporal e poder espiritual continuou a existir. Assim, a Igreja Católica continuou a exercer sua influência em nosso corpo social ditando normas comportamentais de acordo com seus preceitos.

Bem sabemos que a família sempre foi à grande preocupação da Igreja Católica, pois para a mesma ela é considerada a célula mater <sup>4</sup>da sociedade, ou seja, seria um componente de sustentação de nosso corpo social e, sua desorganização traria consigo graves consequências, de acordo com o discurso religioso. Dentro do que o poder eclesiástico entende por desorganização da família, podemos citar os itens que irão ser trabalhados nesse artigo, bem como, a indissolubilidade do casamento, que era visto pela Igreja Católica como algo muito grave, pois com a separação de casais, teríamos a dissolução de um sacramento de acordo com a mesma e, outra questão no que tange a desorganização da família seria o trabalho da mulher fora do ambiente doméstico, pois para o poder eclesiástico, o lugar da mulher era dentro de sua casa cumprindo seus afazeres domésticos, sendo uma mãe e esposa dedicada, e dentro desse certame temos também que o trabalho feminino colocava em contradição a sua subordinação perante o seu marido, uma vez que, ao exercer algum trabalho fora de casa e conseguir com isso algum pecúlio que lhe garantisse certa independência, poderia em algum momento optar pela separação. Assim, seguindo os padrões da Igreja Católica de família “ideal”, nós teríamos o homem como provedor da família, trabalhando fora de casa, ou seja, no espaço público e trazendo o sustento para sua casa e, já para a mulher estaria relegado o trabalho doméstico, ou seja, no ambiente privado, no qual a mesma exerceria seu papel de rainha do lar.

---

republicano em 1889, pois o mesmo tinha por essência um regime de caráter laico, ou seja, sem a participação da Igreja em assuntos estatais.

<sup>4</sup> Terminologia muito utilizada pelo poder eclesiástico para definir a importância da família.

A Igreja Católica, sempre considerou a mulher como um ser frágil e incapaz de tomar suas próprias decisões, logo os prelados tomaram para si o dever de orientá-las tanto em sua vida particular, quanto em sua vida social. Na sociedade patriarcal, a mulher sempre foi vista como um ser inferior perante o homem, logo era considerada incapaz de levar a sua vida sem o apoio masculino. Assim, a expressão sexo frágil não somente se referia a sua constituição biológica, mas também a sua capacidade psicológica. Portanto a mulher deveria aceitar que seu espaço de atuação estava restrito ao ambiente doméstico de seu lar, ou seja, ao ambiente privado, enquanto para os homens, o espaço público no qual eles exerciam suas atividades, bem como o trabalho para o sustento de sua família, era um lugar inadequado para as mulheres (AZZI, GRIPJ, 2008). Em carta pastoral de 8 de dezembro de 1924 Dom Carlos Duarte enfatiza a divisão entre os sexos,

Ao sexo forte pertencerá a ação ministerial propriamente dita, o serviço superior e externo, ao sexo fraco, o trabalho interior e o serviço doméstico, de tal maneira se estabelecem, entre todos, uma divisão natural de ação e de deveres (AZZI, GRIPJ, 2008, p. 130).

O discurso da Igreja Católica, sempre impôs as mulheres sua subordinação perante aos homens, uma vez que, de acordo com a essa divisão natural de afazeres no discurso de Dom Carlos Duarte, podemos observar esse tom de inferioridade imposto as mulheres. O discurso do poder eclesiástico se baseava na subordinação das mulheres perante os homens, para se ter um padrão “ideal” de família, essa era a condição básica para a manutenção da mesma. Em um artigo do jornal O Lampadario do dia 26 de junho de 1930, podemos observar mais atentamente o discurso proferido pela Igreja Católica sobre a manutenção da família em harmonia e, que isso em grande medida se não em toda, dependia exclusivamente da mulher.

A moça, quando se casa, deve estar convencida de que a boa harmonia do lar depende do acordo mutuo entre os esposos. Para isso é preciso que ambos procurem entender-se, evitando tudo que possa perturbar a felicidade conjugal. Essa depende, em grande parte da mulher. Um lar bem arranjado, onde cada cousa tem o seu lugar, cada pessoa compreende seus deveres, e os cumpre religiosamente, atraí o marido, prendendo-o nas horas vagas. Toda discussão deve ser evitada como causa próxima de mal entendidos prejudiciais. Uma palavra de carinho, um agrado são armas poderosas para que a mulher conserve sempre um lugar especial no coração de seu esposo. Não contrariá-lo, deve ser o seu empenho máximo, mesmo que isso lhe custe, as vezes, a não satisfação de um capricho. Se todos compreendessem essas coisas, e contrariassem seus ímpetos nervosos, a vida em comum seria fácilima. Mas hoje com o feminismo triunfante, cada qual quer gritar mais, esquecendo os fins nobres do casamento. Esse o grande mal.

Esse artigo retirado do jornal O Lampadrio, não tem o nome de seu autor, na verdade, esta é uma parte do jornal que é intitulada de Palavras Soltas, e parece ser onde temos conselhos e dicas para as pessoas. Assim, temos nesse artigo mais uma vez a questão da mulher sendo submissa em relação a seu cônjuge, pois é reafirmado que para termos harmonia no lar isso depende exclusivamente da mulher, que tem que cuidar bem de sua casa e de seu marido.

A questão do trabalho feminino também era bem polêmica no período estudado, já que o trabalho fora do lar impedia a mulher de cuidar bem de seus afazeres domésticos, de acordo com o discurso religioso.

Logo, no início da década de 1930, nosso país irá passar por grandes transformações, e dentre elas a urbanização, que será promovida pelo advento da industrialização em nosso país. Assim, nesse momento com a saída de diversas famílias do meio rural para as cidades, as mulheres terão mais oportunidade de trabalhar fora de casa, nesse contexto a Igreja Católica irá mais uma vez impor suas regras normativas em nossa sociedade para promover a permanência das mulheres em ambiente doméstico. Pois ser mãe, esposa e dona de casa era o principal dever das mulheres. A pesquisadora Margareth Rago afirma que,

[...] ser mãe, mais do que nunca, tornou-se a principal missão da mulher num mundo que procurava estabelecer rígidas fronteiras entre a esfera pública, definida como essencialmente masculina, e a privada, vista como lugar natural da esposa-mãe-dona de casa e de seus filhos (RAGO,2009,p.591).

Ainda de acordo com a pesquisadora Margareth Rago, interessante é observar que o trabalho feminino fora do ambiente doméstico vai ser associado a sua moralidade, ou seja, a honra da mulher vai ser questionada pelo simples fato de a mesma esta fora de seu ambiente privado exercendo atividades no ambiente público que era reservado para os homens (RAGO, 2009). A rua era considerada um lugar perigoso para as mulheres um lugar de desvio, no qual sua honra e moral estariam em jogo. Podemos observar neste discurso a construção social do lugar dito adequado para as mulheres, pois a partir do momento em que as mesmas fogem as fronteiras impostas pelos discursos normatizantes, elas tem sua honra questionada.

Esse discurso religioso, que relega a mulher ao ambiente privado, é um discurso que não irá ser condizente com a realidade de várias mulheres em nosso país, uma vez que, muitas tiveram de trabalhar para sustentar suas famílias. Assim como salienta Rachel Soihet “A organização familiar dos populares assumia uma multiplicidade de formas, sendo inúmeras as famílias chefiadas por mulheres sós



[...]” (SOIHET, 2009, p.362). Logo, o discurso da Igreja Católica, não era seguido por todas as camadas sociais, pois as mesmas tinham suas especificidades, portanto as mulheres de classes subalternas tiveram de conviver com sua moral e honra questionada, pois tinham de trabalhar para sustentar suas famílias, pois por vezes as mesmas eram abandonadas por seus respectivos maridos ou esses não ganhavam o suficiente para o sustento da família, logo o trabalho fora do ambiente doméstico era a única alternativa.

Por fim, a última questão a ser abordada nesse tópico é a questão do divórcio. Primeiramente, assim como já foi mencionado, a Igreja Católica era e é veementemente contra a dissolução do matrimônio, pois o mesmo é considerado um sacramento e não passível de dissolução. Mas, isso não quer dizer que não ocorria mesmo não sendo legalizado em nossa sociedade e não aceitável pela Igreja Católica. Uma das tentativas, para que não ocorresse tal fato, era a imposição por parte do poder eclesiástico de rígidas regras comportamentais tanto para homens quanto para as mulheres, lembrando que essas regras eram muito mais rígidas com relação às mulheres. Por de trás dessas regras podemos dizer, que na verdade o verdadeiro intuito da Igreja Católica era manter as mulheres subordinadas financeiramente perante seus cônjuges, uma vez que, ao trabalhar e conseguir sua estabilidade financeira a mulher em algum momento se sentisse insatisfeita em seu matrimônio poderia querer se divorciar.

[...] à medida que decresce a dependência objetiva, que contribui para produzi-las e mantê-las a mesma lógica de ajustamento das tendências às oportunidades objetivas explica por que se pode constatar que o acesso das mulheres ao trabalho profissional é fator preponderante de seu acesso ao divórcio (BOURDIEU, 2014,p14)

Assim, o trabalho feminino fora do ambiente doméstico era veementemente criticado pelo poder eclesiástico uma vez que traria a desorganização da família, já que, poderia ocasionar o divórcio. Como já mencionado anteriormente a Igreja Católica considera o casamento um sacramento, em um artigo retirado do jornal O Lampadario do dia 12 de julho de 1931, intitulado de Vínculo Conjugal podemos observar essa questão.

Apresentamos hoje a nossos leitores, um resumo da bela conferencia feita no Instituto nacional do Rio de Janeiro, pelo Rvdo padre Coulet sobre o respeito ao vinculo conjugal.Lembrou o ilustrado sacerdote, ao tomar a palavra, que ao discorrer anteriormente sobre o divórcio mostrará que o matrimônio consumado

não se partiam jamais, segundo a doutrina da Igreja. Nos países onde a legislação autoriza o divórcio, este prevalece tão somente quanto ao casamento celebrado em conformidade com as disposições de direito civil que lhe são aplicáveis. A indissolubilidade de laços, porém subsiste em relação ao casamento religioso. Era essa a situação com que se defrontava no problema ao divórcio a vínculo, a consciência dos cristãos batizados de todos quantos aceitavam esse sacramento da Igreja de Jesus. Impondo a indissolubilidade dos laços matrimoniais, a religião católica cimentar a estabilidade do lar. Ela consegue isso pela indispensável disciplina e pela alta significação que empresta a união de dois seres para toda a vida terrena. Não compreendem isso os que desvirtuam os fins nobres desse sacramento. O orador apresenta aos olhos dos ouvintes um quadro esplendido da juventude que se move, sob o impulso dos seus sentimentos e de suas paixões, a procura do objetivo em que concentra suas ilusões. O jovem e a jovem que se unem devem ter a percepção de que para a felicidade matrimonial não se basta, cuja flama para como o rio da mocidade e o sopro da primavera. É preciso o respeito mútuo, é preciso a paciência recíproca, é preciso que marido e mulher se suportem e aceitem corajosamente as responsabilidades comuns. O casamento dos cristãos estabelece o pressuposto da pureza da esposa e da dignidade do esposo. Os que o profanam, pela levianidade de sua conduta, antes mesmo de o celebrarem, não o podem achar nele aquilo que encontram as almas edificadas pelos ensinamentos sadios da moral de Jesus. O orador detém na análise de ocorrências que nunca faltam nos lares mal constituídos. Alude a hipótese dos desvios sentimentais das jovens a discorre sobre a conduta censurável dos jovens que não têm a noção exata do casamento. Passa, em seguida para os deveres, que correspondem aos esposos, mostrando os aspectos dolorosos da infidelidade de dois seres que se unem e que formam uma só carne [...] Mostra a que situação chega, muitas vezes, uma mulher abandonada, que precisa entregar-se aos mais duros e penosos trabalhos, a que não esta habituada, para matar a fome de seus próprios filhos. E pergunta qual é a melhor guarda para a casa dos cristãos, para as moradas daqueles que receberam o sacramento do batismo e precisam de constante amparo para a conservação de sua tranqüilidade e para a atenuação de possíveis asperezas da vida em comum? É Jesus. O orador transmite nesse momento, a assistência a profunda emoção que o domina descrevendo, em arroubos em uma elocução que dá a exata medida das suas admiráveis qualidades de orador e de apóstolo, a imagem do nazareno que, projetando-se em cada um dos lares que chamam por ele, e que crêem em sua santa doutrina diz: “Eu sou a guarda desta casa”. Jesus estabeleceu a unidade e a indissolubilidade do matrimônio. Elevou-o a dignidade de um sacramento. O esposo e a esposa serão uma só carne. Maridos diz São Paulo. Amem – as vossas mulheres como Jesus amou a sua Igreja. Mulheres amem os vossos maridos como a Igreja ama Jesus.

Esse artigo é uma conferência proferida pelo Padre Coulet, sobre o vínculo conjugal. Nele podemos observar mais uma vez que é enfatizado que o casamento é um sacramento para a Igreja Católica, que esse por sua vez é indissolúvel, também é possível observar que no mesmo se fala que ambos os parceiros devem ter paciência um com o outro que a mulher deve ser pura e que o homem digno, a pureza da mulher concerne em sua virgindade antes do casamento, ou seja, aquelas que por ventura trabalhassem fora de casa poderiam ter isso questionado, uma vez que a virgindade era um fator de honra para as mulheres solteiras. Também é citado que algumas mulheres são abandonadas por seus maridos e que em virtude disso tem que trabalhar fora de casa algo que não é de seu costume e desse modo também deixa seu lar de lado. Enfim, de um modo geral podemos dizer que a conferência proferida por

Padre Coulet, quer reafirmar o dogma da Igreja Católica da indissolubilidade dos laços matrimoniais e também da permanência da mulher em casa exercendo suas atividades em âmbito doméstico.

Desse modo, partindo dos pressupostos de Pierre Bourdieu, nossa sociedade tem diversos agentes difusores de bens simbólicos, dentre eles a Igreja Católica, contudo essa instituição não consegue agir sozinha, pois assim como Bourdieu coloca “o poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele por que o constroem como poder”(BOURDIEU,2014,p.52). Logo, o que Bourdieu, enfatiza é que a divisão entre os sexos existente em nossa sociedade em boa medida foi naturalizada tanto por aqueles que proferem determinado discurso quanto por aqueles que o recebem. Claramente como foi falado anteriormente, teremos mulheres trabalhando fora do ambiente doméstico teremos mulheres se separando de seus cônjuges, mas ao mesmo tempo essas terão de conviver com o estereótipo de mulher da rua, ou seja, mulheres com sua moral e honra a serem questionadas, isso tudo em virtude da simbologia existente em nossa sociedade de que as mulheres deveriam exercer tarefas somente no ambiente privado de seu lar.

## **2. Repensando a organização familiar: a busca por outra religiosidade**

Neste tópico teremos por finalidade, fazer um breve estudo, sobre a busca por outras formas de expressão religiosa por mulheres. No tópico anterior fizemos uma discussão sobre o pensamento da Igreja Católica acerca do modelo “ideal” de família e, suas rígidas regras comportamentais especialmente para as mulheres. Nesse relato foi possível observar, que esse discurso normativo do poder eclesiástico cabia as mulheres com situação financeira melhor, uma vez que, mulheres das classes abastardadas da sociedade, tinham uma realidade bem diversa, muitas trabalhavam, às vezes não eram casadas formalmente, enfim, não seguiam estritamente às regras dessa instituição religiosa. Mas, assim como já mencionado, as mulheres que não seguiam às normas colocadas por nossa sociedade, tinham sua honra questionada.

Assim, neste tópico a partir da análise de dois bilhetes endereçados a Salathiel Damásio, um feiticeiro da região de Juiz de Fora. Teremos por finalidade refletir sobre a busca por outro tipo de religiosidade por mulheres, uma vez que a religião católica não atendia a todas as necessidades das mesmas. Contudo, é importante





ênfatisar que a busca por outra religiosidade não implica necessariamente no abandono da religião de origem, mas sim a incorporação de outra expressão religiosa, que foi procurada de acordo com a necessidade dos indivíduos que serão citados neste artigo.

As fontes a serem analisadas correspondem a dois bilhetes que foram endereçados ao curandeiro Salathiel Damásio, no ano de 1922, ambos estão anexados no inquérito criminal como prova no Arquivo Histórico da Prefeitura de Juiz de Fora, Fundo Fórum Benjamim Colucci. Processos criminais do Período Republicano III – crimes contra a tranquilidade pública.

De acordo com a pesquisadora Jaqueline Dias, Salathiel Damásio, se envolveu em vários processos, no qual o mesmo foi vítima e réu, em casos que ele era acusado de feitiçaria por utilizar práticas de religiões afro – brasileiras (DIAS, 2006).

Salathiel Damásio, foi um feiticeiro do período republicano, ele residia na Rua Sete de Setembro, no Botanáguia, fazia sessões de cura, adivinhação três vezes na semana, no horário de 20 horas às 23 horas. As suas sessões eram marcadas por orações e possessões (DIAS, 2006).

O primeiro bilhete endereçado a Salathiel, data de 04/11/1922, escrito por Maria das Dores Camargo Baessa, a mesma pede ao referido feiticeiro, que apareça um comprador para a fazenda que ela reside de nome J.M.J Fazenda Paraíso, para que ela possa se mudar para Juiz de Fora, e que isso aconteça ainda no ano supracitado. No bilhete, Maria das Dores, ainda pede que seu cônjuge, de nome Herculano, não tenha ciúme dela e de tudo que ela desejar, pois no bilhete ela pede que um rapaz de nome Álvaro, que esta com outra mulher que se chama Amélia, deixe a mesma para ficar com ela, pois ela o ama muito, e por fim que seu marido nunca desconfie disso.

Já no segundo bilhete, que data de 15/12/1922, escrito por Maria Anselmo Diniz, a mesma solicita os trabalhos de Salathiel, pois foi informada que ele trabalha em nome de Deus e dos bons espíritos. Maria, diz que é casada, mas seu marido é muito ruim para ela, tanto que tomou antipatia do mesmo, e que por isso esta separada dele, e pede para que ele não a persiga nem a sua filha. Ela também pede que um homem de nome José Gimenez, que é um lavrador e solteiro, não goste de nenhuma outra mulher sem ser ela, e que ele a leve para a sua casa para viverem juntos.

Logo, a partir desses dois bilhetes podemos fazer duas análises, a primeira no que se refere que nem todas as mulheres seguiam os padrões normativos da Igreja Católica e, a segunda a busca por outro tipo de religiosidade para atender determinadas necessidades.

Primeiramente, assim como foi mencionado no início deste artigo, por mais que tenhamos uma instituição com muita influência em nossa sociedade, bem como a Igreja Católica, que impunha rígidas regras comportamentais para a nossa sociedade principalmente para as mulheres, sabemos que não era possível para muitas seguir essas regras, muito em virtude de sua condição social. Logo, o discurso da Igreja Católica não era absorvido do jeito que ela queria, já que temos mulheres “burlando” essas regras normativas impostas por essa instituição religiosa.

Uma questão interessante que é abordada por Marlise Silva, é o fato que após o fim do regime escravista, enquanto as mulheres brancas continuaram aprisionadas no ambiente privado do lar, tínhamos muitas mulheres negras na vida pública fazendo negócios, vendendo quitutes por exemplo. Esse fato era algo comum na África, as mulheres que eram as negociantes e trouxeram essa prática para o Brasil, desse modo as ex-escravas que estavam no Brasil conseguiram acumular certa quantia em dinheiro e isso facilitou sua independência financeira, bem como sua autonomia do ponto de vista civil (SILVA, 2010). Isso nos ajuda a entender as especificidades, quando nos falamos das mulheres em nossa sociedade, uma vez que as mulheres de condição financeira melhor, sem dúvida eram aquelas de cor branca, estas tinham uma vida muito diferente das mulheres negras que viviam em condições bem adversas. Logo, essas condições propiciavam outros tipos de pensamento e ação, pois pelo fato das mulheres de classes abastardas trabalhassem elas tinham sua independência financeira, logo poderiam optar por novos relacionamentos em virtude disso, por mais que tivessem de conviver com estereótipos impostos pela sociedade por conta de sua opção de vida.

Outra questão de suma importância, que agora vamos nos ater com um pouco mais de atenção, será as práticas religiosas de origem afro-brasileiras que eram praticadas por Salathiel Damásio. De acordo com a pesquisa de Jaqueline Dias, que deu atenção aos processos pelos quais o referido feiticeiro estava envolvido, podemos perceber o seu envolvimento com a religiosidade afro – brasileira muito em virtude dos relatos daqueles que denunciaram suas práticas.

[...] apresentado o doente à consulta, Salathiel que é preto, abria um livro, lia qualquer coisa que o depoente não compreendia, punha-se a sério, fechava os olhos, concentrava-se. Todo ele estremece e finalmente invocado o espírito, Salathiel apontava os remédios que o doente deveria tomar. Usando dos mesmos métodos referidos (os quais faziam com que mudasse as feições), adivinhava a vida de seus consulentes. Para tal, invocava um espírito conhecido por “fala tudo”. Que “fala tudo” encarnado em Salathiel pedia alguns tostões aos consulentes para não contar seus segredos. O feiticeiro também adivinhava casos amorosos, infidelidade de casados e de namorados [...] (apud, DIAS,2006,p.68).

Nessa denúncia, podemos observar que Salathiel era procurado por conta de alguma doença, logo as pessoas acreditavam em seu poder de cura. Esse tipo de prática era muito comum no Brasil colonial, e era denominado de Calundu, que posteriormente segundo alguns pesquisadores deu origem ao Candomblé. Os Calundus, de acordo com Alexandre Marcusi, foram uma reconstrução das práticas religiosas da África Centro – Ocidental. Os Calundus tinham cerimônias indígenas, de origem africana e do catolicismo popular, evidenciando assim a diversidade de práticas religiosas dentro desse ritual. Ainda, uma característica muito importante do mesmo foi à questão da cura que ganhou grande destaque na comunidade afro-luso-americana (MARCUSI, 2015).

Alexandre Marcusi, em sua tese faz uma discussão a partir de outros pesquisadores buscando a resposta do que aconteceu com os Calundus, se esse ritual realmente desapareceu ou foi incorporado por outros cultos. Primeiramente, a partir dos pressupostos de Roger Bastide, o mesmo relata que as religiões centro-africanas eram mais maleáveis a outros cultos, do que os grupos étnicos da Baixa Guiné, os iorúbas. Logo, as religiões bantas eram centradas ao culto dos mortos, com a escravidão temos esses grupos separados de suas famílias, assim diante dessa ruptura temos a reconstrução da religiosidade africana que irá integrar a sua crença a outras religiosidades.

Já Nicolau Parés, identifica que os Calundus foram progressivamente incorporados pelos candomblés em um processo de grande institucionalização, pois para o referido pesquisador, os Calundus tinham um baixo nível de institucionalização (MARCUSI, 2015).

Para Marcusi, o Calundu era um ritual com grande capacidade de reinvenção, logo ele entende que o mesmo ao longo dos anos foi incorporado ao Candomblé, que também tinha por característica o culto aos mortos.

Assim, os africanos trazidos para as Américas, trouxeram consigo suas práticas religiosas, que foram mescladas, com o catolicismo popular e, com as tradições

religiosas indígenas aqui presentes, que posteriormente vão dar origem às religiões afro – brasileiras. Portanto, teremos as práticas religiosas africanas re-significadas, dando origem a outras religiosidades.

Desse modo, ao observarmos o relato de denúncia contra Salathiel Damásio, podemos evidenciar que seu ritual tinha claramente características das religiões afro – brasileiras, uma vez que, temos a possessão e a cura como características de seu ritual, que nos fazem acreditar que o referido feiticeiro praticava esse tipo de religiosidade.

Interessante, é observamos que em meio a uma sociedade como a nossa marcadamente influenciada pelos costumes da Igreja Católica, tínhamos diversas pessoas que iam procurar em outra religião solucionar seus problemas, pois como podemos verificar em um dos bilhetes, a procura por Salathiel, se deu em virtude das boas referências que a requerente tinha do mesmo, ou seja, ele era uma pessoa conhecida na região e, por isso várias pessoas o procuravam para que o mesmo pudesse solucionar seus infortúnios.

Essa procura por outro tipo de religiosidade acontecia muito em virtude da religião professada por essas pessoas não atenderem suas necessidades. As mulheres que endereçam os bilhetes a Salathiel eram mulheres insatisfeitas em suas relações conjugais, uma vez que, ambas queriam conviver com outro homem que não era seu esposo. Em uma sociedade, onde o divórcio até então não era legalizado, e a dissolução do matrimônio veementemente crítica pela Igreja Católica, a alternativa dessas mulheres foi procurar um feiticeiro para que o mesmo pudesse solucionar a problemática de ambas.

Na perspectiva de Valéria Busin, ao falarmos de religião temos que entender que a mesma é uma modeladora de subjetividades, logo para as mulheres ficou condicionado o papel da Virgem Maria, que representa a submissão e a fragilidade, enfim características que fazem das mulheres seres subordinados perante aos homens (BUSIN, 2011). Muitas mulheres realmente não seguiram esse modelo de submissão, temos o exemplo de Maria Baessa e Maria Diniz, que contra tudo que era pregado na época, foram em busca de auxílio em outro tipo de religiosidade para alcançar seus objetivos. Logo, entendemos que por mais que tenhamos discursos que impunham a mulher como um ser submisso, e tenhamos uma sociedade baseada na divisão entre os sexos como algo normal, naturalizado como diria Pierre Bourdieu, teremos mulheres que irão fugir a essa regra, e irão contra as rígidas regras

comportamentais colocadas por nossa sociedade a elas, e desse modo irão procurar outro tipo de religiosidade para atender suas necessidades.

### **Considerações Finais**

Assim, podemos concluir com o breve estudo acima duas questões. A primeira se refere ao comportamento das mulheres em nossa sociedade. Podemos evidenciar em um primeiro momento, a partir dos pressupostos da Igreja Católica que foi e é um agente difusor de ideais, que a priori como nossa sociedade foi muito influenciada pelos preceitos dessa instituição religiosa, tivemos rígidas regras comportamentais impostas pela mesma em nossa sociedade.

O poder eclesiástico definiu rígidas fronteiras entre homens e mulheres, fazendo daqueles detentores de todos os direitos sobre estas, e também relegando aos homens o espaço público em nossa sociedade, no qual o mesmo poderia trabalhar fora para o sustento de sua família. Já para as mulheres ficou condicionado o espaço privado do lar, no qual a mesma deveria exercer suas atividades, que eram consideradas como um dever, bem como ser mãe, esposa e dona de casa exemplar, recebendo assim, o título de rainha do lar. Dentre essas regras normativas colocadas pela Igreja Católica, teremos um debate muito importante que envolve a questão da impossibilidade da dissolução do matrimônio, uma vez que, para a mesma o casamento é considerado um sacramento, logo o divórcio não era aceitável para essa instituição religiosa. Assim, é possível compreendermos porque o poder eclesiástico defendia tanto que o lugar da mulher era no ambiente doméstico, uma vez que ao trabalhar fora do lar, poderia alcançar sua independência financeira e logo e algum momento poderia querer a separação. Desse modo, a Igreja Católica impunha essa divisão entre os sexos, buscando que seus preceitos e ideias fossem seguidos, fazendo assim uma construção social do lugar da mulher em nosso corpo social.

Contudo, ao longo de nosso trabalho podemos evidenciar que não era bem assim que ocorria, pois quando falamos das mulheres em nossa sociedade temos uma multiplicidade de questões envolvidas, bem como a questão social. Assim, as mulheres que tinham uma condição financeira mais difícil, tinham uma realidade bem diferente, tinham que trabalhar para ajudar no sustento de sua família, muitas vezes não eram casadas e, se eram não tinham a formalidade exigida em nossa sociedade. Desse modo, temos uma especificidade muito grande quando estamos



falando das mulheres pobres, que tinham que conviver com os estereótipos impostos por nossa sociedade, por não poderem seguir as regras impostas pela mesma. E também é importante ressaltar que algumas assim como vimos, procuravam outro tipo de religiosidade a fim de conseguirem seus objetivos.

Com relação à segunda questão que envolve esse trabalho, sendo ela a busca por outro tipo de religiosidade, podemos concluir que isso ocorria em nossa sociedade, em virtude da religião que era seguida não contemplar todas as expectativas de seu fiel, mas que também essa busca não significava o abandono da religião de origem, mas sim a incorporação de uma nova religiosidade.

Através dos bilhetes analisados, podemos identificar que duas mulheres foram em busca de um feiticeiro para poderem ter outro relacionamento, algo que seria veementemente criticado pela Igreja Católica. Logo, vimos que ambas procuraram um feiticeiro conhecido na região, e que o mesmo como tudo indica fazia uso das práticas relacionadas com a religiosidade afro – brasileiras, pois seus rituais tinham por característica a possessão e a cura de doenças.

Por fim, podemos compreender que a busca dessas mulheres por outra expressão religiosa, esta relacionada a suas necessidades, uma vez que legalmente não poderiam se separar de seus cônjuges, optavam pela busca de alternativas para conseguirem tal objetivo, bem como a ajuda em outro tipo de religiosidade e, também podemos observar que essas mulheres não eram tão passivas ao discurso religioso, como a Igreja Católica gostaria.

### Referências bibliográficas

- AZZI, Riolando; GRIPJ, Klaus van der. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II/ 3-2: terceira época: 1930-1964.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.
- \_\_\_\_\_. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, Maria Luiza (org.). **Família, Mulher, Sexualidade e Igreja na História do Brasil.** São Paulo: Edições Loyola, 1993.p.101-134.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- BUSIN, Valéria Melki. Religião, sexualidade e gênero. **Rever** .Ano 11 .No 01 .Jan/Jun 2011. p.106-124.
- DIAS, Jaqueline Cristina. **Feiços e feiticeiros: repressão às tradições religiosas afro-brasileiras na Juiz de Fora do primeiro código penal republicano (1890-1942).** Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: UFJF,2006.



- MARCUSI, Alexandre. **Cativeiro e cura: experiências religiosas da escravidão atlântica nos calundus de Luzia Pinta (séculos XVII e XVIII)**. Tese de doutorado em História. São Paulo: USP, 2015.
- RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.p. 578-606.
- SILVA, Marlise Vinagre. Gênero e religião: o exercício do poder feminino na tradição étnico – religiosa ioruba no Brasil. **Revista de psicologia da UNESP**. 9 (2), 2010.p.128-137.
- SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.p. 362-400.

Recebido em: 13/06/2019  
Aceito em: 20/08/2019